

O RÁDIO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA: O CASO DO PROGRAMA 'SALADA MISTA' DA WEBRÁDIO SATC

Natasha Monteiro Moraes¹

Marli Paulina Vitali²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo geral analisar e reforçar a importância das aulas teórico-práticas na produção do programa de variedades Salada Mista da Webrádio Satc, na formação acadêmica dos estudantes, além de sua contribuição para a carreira de futuros profissionais de jornalismo. Foi realizada pesquisa bibliográfica apresentando a relação entre radiojornalismo e educação, e entre teoria e prática radiojornalística, desenvolvidas em sala de aula nas disciplinas de Radiojornalismo I e II, do curso de Jornalismo da UniSatc. Para entender mais o rádio como ferramenta educativa, foram trabalhados no presente artigo autores como Ferraretto (2001), Prata (2008), Parada (2000) e Jung (2004). Os dados foram obtidos por meio de um questionário semi-estruturado realizado em formulário online, contendo nove questões, com quatro ex-alunos formados ao longo de uma década de curso. Como resultados alcançados, identificou-se a partir das respostas obtidas dos entrevistados, que a prática com a produção do programa Salada Mista reforça a importância do trabalho em equipe dentro de uma emissora de rádio, um dos fatores essenciais na rotina e vida profissional destes profissionais de comunicação.

Palavras-chave: Rádio. Educação. Webrádio. Programa Salada Mista.

1. Introdução

Formar profissionais de comunicação para atuar em uma sociedade onde a tecnologia e o digital são predominantes, é um trunfo para as instituições de ensino. A carreira do jornalista se constrói na graduação e querendo ou não, o conhecimento e o local onde foi adquirido, são levados em consideração.

Por isso, este artigo tem como finalidade o estudo de caso do programa Salada Mista, da Webrádio Satc, voltado como ferramenta educativa. A peça

¹ Acadêmica do curso de Jornalismo do Centro Universitário UniSatc. E-mail: monteironatasha3@gmail.com

² Professora mestra do curso de Jornalismo do Centro Universitário UniSatc e orientadora deste trabalho. E-mail: marli.vitali@satc.edu.br

radiofônica é produzida pelos acadêmicos matriculados na disciplina de Radiojornalismo II, normalmente presente na grade na quarta fase do curso de Jornalismo do Centro Universitário UniSatc de Criciúma.

Para De Almeida e Klockner (2007, p.7), “a preparação do novo profissional deverá aliar sólidos conteúdos teóricos, éticos e tecnológicos, intensificando o estímulo para a realização experimental em laboratórios adaptados às novas tecnologias”. A existência de um rádio laboratório nas instituições de ensino superior, faz com que o acadêmico de jornalismo coloque em prática o que aprendeu em teoria, sobre a linguagem radiofônica e demais características do radiojornalismo. (SCHERER, 2019)

Assim surge a webrádio como uma ferramenta, que também faz parte destas novas tecnologias e conseqüentemente de ensino. É uma alternativa às transmissões de rádio convencionais de Amplitude Modulada (AM) e Frequência Modulada (FM), sendo propagada via internet. Logo, não enfrenta o problema de distanciamento dos tipos citados anteriormente, pelo fato de quanto mais distante é o local de transmissão, pior a qualidade do sinal (PRATA, 2008). Para entender mais o rádio como ferramenta educativa, foram trabalhados no presente artigo autores como Ferraretto (2001), Prata (2008), Parada (2000) e Jung (2004), todos de renome na área.

Diante desse quadro, apresenta-se como problema de pesquisa: de que forma as aulas teórico-práticas para construção do Programa Salada Mista contribuem na formação de futuros jornalistas? O objetivo geral é verificar a importância das aulas teórico-práticas na produção do programa de variedades Salada Mista da Webrádio Satc, na formação acadêmica dos estudantes, além de sua contribuição para a carreira de futuros profissionais de jornalismo.

Já os objetivos específicos são: analisar a relação entre radiojornalismo e educação; entender as práticas aplicadas no radiolaboratório da instituição de ensino superior, com o programa transmitido pela webrádio; compreender de que forma esses fundamentos e técnicas da área aplicadas na disciplina de Radiojornalismo II do curso impactam na formação do acadêmico.

Este trabalho justifica-se para reforçar o quanto a teoria e prática adquiridas no programa são essenciais tanto aos profissionais já consolidados na área de

radiojornalismo, quanto aos futuros jornalistas residentes da cidade e em demais regiões.

Com relação aos procedimentos metodológicos, este estudo tem natureza básica, com abordagem do problema qualitativa. Do ponto de vista dos objetivos é exploratória, e no tocante aos procedimentos técnicos é estudo de caso. Para chegar aos objetivos foi feito um questionário semi-estruturado com quatro ex-alunos do curso.

Os critérios utilizados para a escolha dos quatro jornalistas foram: a) ser egresso do curso de Jornalismo da UniSatc; b) ter tido a experiência do programa Salada Mista; c) atuação na área de radiojornalismo durante construção deste trabalho; d) já ter trabalhado em uma emissora de rádio após a graduação; e) jornalistas formados desde a criação do programa Salada Mista.

2. Radiojornalismo

De acordo com Ferreira (2021), rádio é “aparelho ou conjunto de aparelhos para emitir e receber sinais radiofônicos”. Para Chantler e Harris (1998), o jornalismo é um elemento-chave no relacionamento das emissoras de rádio com o seu público.

Edgard Roquette-Pinto se interessa pelas demonstrações de radiodifusão realizadas nas indústrias norte-americanas, mobiliza intelectuais da Academia Brasileira de Ciências sobre o novo meio de comunicação, sendo a conclusão disso a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923 (FERRARETO, 2001).

A definição do novo meio de comunicação abordada pelo radialista, professor, médico legista e antropólogo entre outras profissões em seu currículo, e que é válida neste presente artigo é:

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (PINTO apud TAVARES, 1997, p.8)

Conforme Silva e Bandeira (2016), à medida que o Brasil se envolve na Segunda Guerra Mundial, o radiojornalismo se torna mais presente. Com uma audiência crescente, ele torna-se a primeira expressão das indústrias culturais do país. É neste cenário que surge o Repórter Esso. Em 1941, o projeto funcionava em caráter experimental na Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. Apoiado pelo Governo de Getúlio Vargas, seu viés inicial era informar detalhes do fim da guerra ao povo brasileiro. O programa radiofônico foi transmitido pela Rádio Nacional até 31 de dezembro de 1968.

Antes disso, Moreira (1991) afirma que o radiojornalismo brasileiro não tinha uma linguagem específica para o veículo. Segundo a autora, "as notícias eram selecionadas e recortadas dos jornais e lidas ao microfone pelo locutor que estivesse presente no horário. Tesoura e cola eram, na época, os únicos recursos disponíveis para o jornalismo radiofônico" (MOREIRA, 1991, p. 26). Jung (2004), ainda elenca que o nome desta prática era *Gillette-Press*, utilizada durante anos no rádio.

Como cita Klockner (2008), a ideologia estadunidense estava na essência das edições diárias do Esso. Programa cujas notícias eram cronometradas à risca com duração de cinco minutos. Após esta sensação global, o radiojornalismo no Brasil sofreu evoluções.

Às reportagens rabiscadas com o lápis vermelho de Roquette-Pinto deram espaço a laudas com textos de tamanhos pré-determinados, e, em alguns casos, de conteúdo também. Era a fórmula da síntese noticiosa que a Standard Oil Company of Brazil, do grupo controlado pela família Rockefeller implantava no país, em mais uma iniciativa de empresas estrangeiras de veicular o próprio nome ao de programas radiofônicos. (JUNG, 2004, p.30-31)

Para ilustrar a credibilidade que a "Testemunha Ocular da História" tinha no país, pode-se tomar como exemplo a queda da Alemanha Nazista, fato noticiado pela Rádio Tupi, do Rio de Janeiro. Ferraretto (2001) cita Tapajós (1988) para afirmar que se tratava do noticiário mais importante da época. Ainda conforme Tapajós:

Ele interrompia qualquer programa para dar uma notícia que fosse considerada de alta necessidade. Interrompia-se qualquer coisa: programa de música, programa de teatro, o que fosse. Se a notícia merecesse realmente isso, ele interrompia. Daí o fato do Repórter Esso ter criado uma credencial tão grande que, quando a guerra acabou - a Rádio Tupi inclusive foi para o ar, anunciando que a guerra tinha acabado - ninguém acreditou porque o Repórter Esso não deu (TAPAJÓS, 1988 apud FERRARETTO, 2001, p.128).

Costa e Noleto (1997) lembram que uma das contribuições do Repórter Esso, foi introduzir no rádio brasileiro o noticiário adaptado para a linguagem radiofônica. O programa também era exibido na televisão, nas emissoras TV TUPI e TV Record, com encerramento das atividades em dezembro de 1970. Assim como o Esso, a Hora do Brasil que, posteriormente, tornou-se a Voz do Brasil, é um outro marco na história do radiojornalismo no país, também no contexto político-ideológico de Vargas. Segundo Prado (2012), seu objetivo era propagandear as realizações do governo federal, por isso, ele tornou-se obrigatório em 1939.

Com a entrada em vigor do Código Brasileiro de Telecomunicações nos anos 60, o Poder Legislativo e posteriormente o Judiciário adquiriram um espaço no programa, levando à população informações do dia a dia destes locais. Estes são elementos que se mantêm na grade do programa até hoje. A primeira tentativa de modernização da programação foi a aposta em notícias de esporte e policiais, ainda no período da ditadura.

Vasconcelos (2013, p.5) comenta sobre essa modernização e desvinculação partidária que “desde 2003, o programa Voz do Brasil vem mudando seu texto, seu formato técnico e seu espelho de notícias. Percebe-se uma busca para que o programa atinja o cidadão brasileiro e não mais tenha aquela cara de programa Chapa Branca”.

Retornando à linha de pensamento de Prado, a obrigatoriedade do programa já causou polêmica, com algumas emissoras de São Paulo e Rio Grande do Sul recorrendo a liminares da justiça nos anos 1990 e entre 2005 e 2010 respectivamente, para não transmitirem no horário das 19 horas.

As cidades desses Estados têm o chamado horário de rush, em que o número de ouvintes aumenta consideravelmente devido ao trânsito. Segundo pesquisa da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e

Televisão (Abert), às audiências das rádio costumam despencar quando o programa começa, trazendo prejuízos publicitários e, conseqüentemente, orçamentais às emissoras” (PRADO, 2012, pg.99).

O rádio segue sendo um meio de comunicação importante, que sofreu evoluções e mudanças. Mesmo com a entrada da TV e, depois da internet nos anos 90, se adaptou. Atualmente, elementos de interatividade como perfis em redes sociais são inseridos para que os ouvintes se sintam incluídos em construções e transmissões das notícias. As ferramentas do webjornalismo complementam o conteúdo já veiculado em áudio. Os websites agregam conteúdos não apenas replicando o programa mas integrando informações como links para players de comunicação. (KISCHINHEVSKY, 2016)

2.1. Webrádio

Negromonte (2016), em artigo publicado na revista SuperInteressante, mostra um levantamento realizado pela Real Networks, líder de 85% do mercado mundial de streaming, de que “existem mais de 3.500 rádios online no mundo – quase 200 no Brasil. Destas, cerca de 88% são versões para Internet de rádio”. Em complemento a esta informação temos através dos dados do site radios.com.br (2020), que a Webrádio Barroso Mix, de origem eclética e que se tornou religiosa em 2017, é a webrádio mais ouvida do Brasil. Além disso, Prata (2013), reforça que o ano de criação desse meio foi em 1998, em paralelo com o fomento da transmissão online simultânea no aparelho de rádio e computador.

Com a evolução da internet no século XX, o rádio teve que se reinventar. Antes a preocupação se concentrava na ascensão da televisão e um possível fim das transmissões hertzianas, mas não foi o que aconteceu. Conforme Neuberger (2012), existem as chamadas rádios na web, que são aquelas cujo sinal é transmitido no dial, por ondas hertzianas, que colocam na web com interesse em expandir, ou captar mais ouvintes, e existem as webrádios, que são aquelas que só existem ali, no meio digital.

Pode-se afirmar que o invento de Marconi, e disseminado por Roquette-Pinto, sofreu melhorias ao longo dos anos. Jung (2004) traz um exemplo claro quando diz para a pessoa teclar “www, ponto, qualquer rádio, ponto, com, ponto br” e enxergar a realidade virtual. A maioria dos veículos radiofônicos possui um site. Com ideias parecidas com de Nuernberger, Prata (2008) classifica a radiofonia, de um formato semelhante que continua atual, em dois jeitos:

Radiofonia analógica: emissoras que realizam transmissões analógicas através de irradiação e modulação das ondas eletromagnéticas, também chamadas de rádios hertzianas; 2. Radiofonia digital: a) emissoras de rádio hertzianas com transmissão digital e b) emissoras de rádio com existência exclusiva na internet ou webrádios. (PRATA, 2008, p.2).

Diferente das rádios analógicas, sendo AM ou FM, a webrádio conta com serviços multimídia, atraindo para si não somente ouvintes, mas também leitores dos conteúdos disponibilizados na homepage em que está hospedada.

Há também fotografias na homepage e nas outras páginas, tanto imagens publicitárias, quanto fotos de artistas e de funcionários da emissora. Há também vídeos e infografia. Em dois campos, principalmente, a webrádio chama a atenção. Primeiramente na questão dos gêneros, já que são muitas as novidades nesta área. Outro campo é o da interação, onde o impacto da tecnologia provoca fortes mudanças, com os usuários comunicando-se de novas formas entre si e com a emissora (PRATA, 2008, p. 2).

As redes sociais estão entre os novos canais para participação de ouvintes na web. O Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter, são exemplos que combinam com emissoras de rádio. Atualmente, elas são as principais plataformas de comunicação entre ouvinte e comunicador. A webrádio também é um exemplo dessa troca. Pacheco (2010, p. 7) comenta sobre a facilidade de adquirir o formato tendo em vista que “A rádio on-line, emissora especificamente com a estrutura voltada à rede mundial, não precisa de autorização para o funcionamento e, por isso, é de fácil criação”. O autor ainda complementa que “Sem legislação específica para delimitar regras, o funcionamento é de forma imediata na internet, apenas com a instalação de equipamentos necessários para a transmissão do áudio” (PACHECO, 2010, p. 7).

Essa situação apontada por Pacheco é de conhecimento de pessoas comuns, que começam a produzir e consumir informações pela webrádio. Assim como afirma Reckziegel (2015, p.15), “o advento da internet transformou o rádio em um veículo de comunicação ainda mais democrático, que colabora para a construção de conhecimentos e interações entre as populações”. Com isso, as pessoas têm cada vez mais interesse em se aprofundar no que o rádio pode oferecer, até mesmo como meio de uma profissão futura.

3. O Rádio como ferramenta laboratorial

No século XX, a visão de Edgard Roquette-Pinto de que o rádio seria a principal ferramenta de progresso do país vai ganhando força conforme o meio de comunicação se torna acessível a todos os grupos sociais. Para Prado (2012), em um país tão extenso quanto o Brasil, os meios de comunicação são aliados importantes para que conhecimentos específicos e gerais cheguem até a população que não tem acesso à educação.

As rádios universitárias surgiram com esse intuito, de ampliar e compartilhar saberes até então só disseminados em ambiente acadêmico. Fatores como linguagem e técnica radiofônica, redação, locução, boletim, entrevista, reportagem, trilhas para programas, criação de produção e vinhetas, técnicas e edição de áudio são aprendidos e melhorados durante o período de conhecimento adquirido do meio (DE LIMA; RADDATZ, 2001).

Para Consani (2007), os gêneros radiofônicos são dispostos da seguinte maneira através de subgêneros: cultural, jornalísticos, publicitários, entretenimento e educativo. Estes são “definidos, assim, por sua finalidade principal, sendo que cada um desses subgêneros comporta outros gêneros” (SILVA, 2009, p. 91-92).

O gênero Educativo faz parte da trajetória profissional da jornalista Gisela Swetlena Ortriwano. No programa ‘Bons de Bico’ produzido pelos alunos, pela professora e profissionais da Rádio USP “notou-se como a empreitada que o rádio, na circunstância em que foi inserido, não teve fim utilitário ou instrumental, mas promoveu uma atividade educativa e ambiental aderente à interface Educação/Comunicação” (GALVÃO JÚNIOR; MALULY, 2019).

Conforme Galvão Júnior (2021), as rádio emissoras têm despertado a cidadania, fazendo com que a comunidade resolva os problemas por conta própria e não esperar pelas autoridades. O jornalista de rádio deve ser preparado pela instituição de ensino superior para ouvir e perceber as necessidades do público.

Outro exemplo que se vale importante é o da webrádio da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Integrando a Coordenadoria de Comunicação (CODECOM), o projeto teve início em 2009 possuindo programação 24 horas em 2013. Assim como a Webrádio Satc, são abordados assuntos voltados à educação, saúde, ciência, cultura, tecnologia, extensão, entre outros. Outro ponto relevante é a semelhança de equipamentos utilizados nas práticas, como demonstra Ferreira e Freitas (2018).

A webrádio conta com um computador que suporta o seu distribuidor de conteúdo em rede, bem como programas de edição e conteúdos produzidos a serem inseridos na sua grade, tendo entre dois a três computadores para apoio em pesquisas de conteúdos e produção de roteiros de programas, uma mesa de som, microfones e aparelho gravador de áudio (FERREIRA; FREITAS, 2018, p.7).

Com o apoio da coordenação dos cursos de Jornalismo e Comunicação Social também da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o local também oferece aos acadêmicos o espaço pedagógico de prática/teoria/ensino. A webrádio também é espaço de estágio obrigatório e/ou voluntário. Deus (2003) destaca a importância da prática laboratorial na emissora.

É na atividade laboratorial na emissora de rádio universitária que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. Aprendem que no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato, e no rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e sua avaliação (DEUS, 2003, p.312).

A aproximação que o rádio provoca entre quem está produzindo e a sociedade e suas reivindicações, reclamações e principalmente relatos de histórias de vida auxilia no ensino do radiojornalismo, até mesmo para a parte de ética. Este último - ética - que o programa Vozes do Recôncavo, do Curso de Comunicação

Social – Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) também coloca ênfase na sua educação no rádio.

Ao fim de cada programa, após realizar toda a parte de produção (coleta de dados, entrevistas externas e gravações de áudio, “a etapa final sempre é a realização de uma avaliação conjunta do programa produzido, verificando assim a qualidade técnica e jornalística do material transmitido pela emissora” (NEUBERGER, 2012, p.8). Estes acadêmicos não aprenderam a apenas “fazer rádio”, mas focar na prestação de serviço à comunidade em geral.

4. Análise de dados

Criado em 2011, o programa Salada Mista foi idealizado pelo ex-professor do curso de Jornalismo da UniSatc de Criciúma-SC, Cláudio Toldo, em conjunto com a professora de radiojornalismo, Karina Farias, para integrar a grade da webrádio da instituição no ar desde 2009. A peça radiofônica é produzida desde então pelos acadêmicos da quarta fase da disciplina de Radiojornalismo II, colocando em prática toda a teoria adquirida na fase anterior, na disciplina de Radiojornalismo I.

Figura 1: Acadêmicos da edição de 2016 do programa Salada Mista



Fonte: Instagram/Programa Salada Mista

A professora Karina orienta os estudantes em como colocar o programa no ar. Eles costumam ser organizados em grupos. Cada membro do grupo possui uma função a cada semana, sendo as principais apresentação, produção e escrita do roteiro de rádio. O assunto (pauta) e o entrevistado (ou não) são definidos para a próxima edição, havendo sempre um rodízio desses grupos.

Figura 2: Laboratório de rádio da Unisatc



Fonte: Natasha Monteiro

O programa é transmitido do estúdio de rádio da UniSatc, sempre ao vivo. O dia determinado de transmissão pode variar conforme a grade do curso. O Salada Mista oferece aos alunos, uma vivência real de como proceder em um programa de rádio. O gênero de variedades utilizado, possibilita que os futuros jornalistas saibam conduzir programas de temas diversos. Diferente de outro programa também da webrádio chamado 'Jornalismo em Pauta', que aborda somente pautas relacionadas à profissão.

Tendo em vista este objetivo, foi elaborado um questionário semi-estruturado on-line, de natureza qualitativa, com nove perguntas na plataforma

Google Forms. Quatro delas foram de cunho pessoal e cinco específicas voltadas às experiências e aprendizados no programa.

O fato dos sujeitos da pesquisa possuírem conhecimentos prévios anteriores sobre rádio ao ingresso na graduação, ou adquiridos nela, também foram levados em consideração.

Conforme dados obtidos em cada questionamento, intenciona-se induzir de que forma as aulas teórico-práticas para construção do Programa Salada Mista contribuem na formação de futuros jornalistas?

O formulário (<https://bit.ly/3DJ6Lgx>) aplicado aos jornalistas permitiu a coleta de algumas opiniões sobre a influência do programa na rotina dos profissionais que estão ou estiveram na ativa em rádio. O questionário semi-estruturado é caracterizado por conter questões, tanto objetivas, contendo sugestões de respostas, quanto questões dissertativas, onde o sujeito da pesquisa tem a possibilidade de explanar sobre um determinado tema, não tendo assim limitações ou pré-direções, aumentando desta forma a liberdade em suas respostas (MINAYO, 2000).

Tabela 1: Jornalistas entrevistados

Rafaela Clezar	Júlia Grassi	Mateus Mastella	Emilli Amaral
----------------	--------------	-----------------	---------------

Depois de se identificarem pelo nome, os entrevistados responderam a questão que dizia respeito a idade (questão 2) seguida da questão 3 que perguntava 'Em que ano começou a trabalhar em veículo de rádio? Se não trabalha mais, qual foi o período?', podemos fazer uma comparação entre a idade e o ano em que os profissionais começaram a trabalhar em veículos de rádio. Três deles iniciaram antes dos 20 anos de idade, exceto Emili Amaral, que tinha 22 anos no seu primeiro trabalho.

Hoje, e cada vez mais, exige-se envolvimento total, ou seja, além da função específica, o iniciante deverá mostrar interesse, arriscar-se a escrever

textos, sugerir pautas, mostrar-se atento à programação. A frase que um estudante nunca vai ouvir numa redação de rádio é: “Isto não é comigo, não é a minha função. (PARADA, 2000, p.134)

Todos os profissionais citaram apenas o ano de início, exceto Júlia Grassi, com a resposta: “Iniciei em 2003 (rádio comunitária). Profissionalmente em 2013 e me desliguei do veículo no fim de 2018”, indicando experiência.

Sobre a questão ‘4 -Em que ano participou do programa Salada Mista?’, Dos quatro, Mateus Mastella é o que teve contato há mais tempo, em 2003 quando começou a trabalhar na rádio comunitária, até conquistar o primeiro trabalho de forma profissional em 2013, apenas com a experiência do Salada Mista. Rafaela Clezar e Júlia Grassi, são da mesma edição, fizeram parte da equipe que produziu o programa em 2016, no momento em que Emili Amaral é da edição mais recente analisada, 2017.

Nesse novo ambiente midiático, o rádio tem se mostrado ágil na associação com mídias sociais, diretórios e portais, em vez de tentar construir estruturas próprias, caras e sem garantia de adesão de ouvintes. Assim, potencializa a circulação de seus conteúdos e explora sua maior vantagem competitiva diante da TV e da imprensa: a comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas à escuta. (KISCHINHEVSKY, 2016, p.16)

A pergunta cinco, em especial, foi elaborada de forma fechada, oferecendo ao entrevistado apenas duas alternativas de preferência: ‘produzir’ ou ‘apresentar’ o programa. As restantes foram abertas, possibilitando a expressão da opinião de maneira livre, utilizando linguagem própria.

É possível observar que Rafaela Clezar é versátil ao optar pelas duas opções. Já os entrevistados Júlia Grassi e Mateus Mastella responderam ‘Apresentar’, e Emili Amaral, ‘produzir’. Segundo Ferraretto (2001), produção e apresentação fazem parte das técnicas de rádio. Enquanto o primeiro planeja o programa que será levado ao ar, independente do conteúdo, o segundo configura na forma como a pessoa atribui fala ao significado do texto. O autor pode trazer uma definição clara do porquê da preferência conforme esta análise por ‘apresentar’.

É o profissional que comanda, no ar, o programa de rádio. O apresentador é quem dá unidade e personalidade à programação, é o elo entre a rádio e o

ouvinte, criando o contexto para cada assunto, tornando a notícia mais acessível. (KLOCKNER, 1977 apud FERRARETTO, 2001, p.312)

Lembrando que no programa Salada Mista, a turma é dividida em grupos e a cada semana durante o semestre letivo, os acadêmicos se preparam para desempenhar uma função diferente, que inclui a redação, a reportagem e a entrevista. Na produção, entram questões como sonoplastia e roteiro.

Identificamos na sexta questão, respostas mais abertas para a pergunta: 'Qual foi o maior desafio que você enfrentou no programa Salada Mista, que se repetiu na rotina no trabalho? Como lidou com ele?'. Rafaela Clezar destaca o trabalho em grupo e o diálogo como essenciais para que todos estivessem incluídos nas etapas do programa.

De acordo com Ferreira (2021), a pauta nos meios de comunicação e divulgação é "o roteiro dos fatos que devem ser dados pela reportagem, e que apresentam um resumo do assunto. A indicação ou sugestão sobre como deve o tema ser tratado". Quando Rafaela Clezar fala em 'proposta de tema', é do que a pauta representava. Júlia Grassi vai mais além e reforça o 'jogo de cintura' para ir atrás de um novo assunto em pouco tempo.

Para Emili Amaral, além da pauta, a definição do entrevistado continuou a ser um desafio depois da passagem pelo programa. Citando isso, ainda reforça acontecimentos da época de organização de um Salada Mista, usando o termo "briga" em sua resposta, no sentido de um desacordo na definição da pauta, incluindo preferências pessoais. Ele conclui comentando sobre a utilização do assunto que estava em alta para fazer com que os ouvintes participassem pelos canais de comunicação (redes sociais).

Qualquer assunto que não lhe diga respeito torna-se uma tremenda chatice no rádio. Colocar uma entrevista sobre briga política envolvendo as entranhas de máquinas partidárias, elevar artistas desconhecidos da vanguarda à condição de gênios, debater teses sociológicas áridas ou delirar sobre previsões e devaneios da vida econômica representam, na verdade um convite para o ouvinte mudar de estação. (PARADA, 2000, p.84)

Conforme Búrigo e Farias (2017, p. 1), “a peça radiofônica auxilia os estudantes a desenvolverem habilidades de organização, trabalho em equipe, autonomia, despertando assim o senso crítico”. Pode-se deixar claro que a ‘briga’, citada pelo entrevistado tem a ver com o choque de ideais dos acadêmicos que compõem o grupo, e não algo físico.

Já Mateus Mastella, pontua outra questão corriqueira dos programas, que se repetem às vezes no cotidiano do rádio: a ansiedade. No sentido da sua resposta, percebe-se que é um estado comum no meio, por conta da responsabilidade de todo o processo de construção de um programa de rádio.

Durante a sétima questão, ‘No que você avalia que o Salada Mista contribuiu para você ir para o rádio?’, Rafaela Clezar e Júlia Grassi reforçaram que já pertenciam à área, mas que às aulas teórico-práticas contribuíram na permanência nela por aprender algo novo, citando até manias. Como já foi citado no presente artigo, o gênero de variedades permite isso. Comunicadores que preferem ou tem melhor desenvoltura em conduzir um programa apenas sobre futebol e suas vertentes, podem se interessar em produzir uma edição sobre o tema Teatro, por exemplo.

Por conta disso, Mateus Mastella ressaltou a versatilidade que adquiriu para fazer qualquer programa, em que cada um tinha que ser elaboradas tipos de perguntas diferentes para o especialista no assunto convidado em ir ao estúdio . Já Emili Amaral pontuou a compreensão da rotina da rádio, isto é, as etapas de montagem de um programa, o conhecimento recebido no Salada Mista, se sentindo um profissional preparado para entrar no mercado de trabalho e ingressar em emissora de rádio.

O oitavo questionamento aos jornalistas é ‘Cite a entrevista mais importante que você fez no programa Salada Mista. Justifique’. As respostas foram distintas, sendo que o entrevistado A respondeu que não recordava de um exemplo deste. Júlia Grassi e Mateus Mastella afirmaram que entrevistas com uma médica sobre o Outubro Rosa e com um repórter da área de jornalismo, foram os mais emblemáticos. Emili Amaral também recordou de uma entrevista com um cantor da cidade de Criciúma que era dirigente de times de futebol da região.

Em concordância com Ferraretto (2001), a técnica de entrevista consiste no contato entre repórter ou apresentador e um convidado (fonte), a pessoa que costuma ser especialista, detentora das informações de uma respectiva área. Não há dúvidas de que o profissional, sendo acadêmico ou não, aprende algo novo a cada programa de rádio, ou até de outro meio de comunicação.

A nona e última questão repassada para os profissionais, foi 'Na sua opinião, como o programa Salada Mista te preparou para o trabalho em um estúdio de rádio?'. Rafaela Clezar e Emili Amaral, frisaram a elaboração de um roteiro. Ansiedade e "pautas furadas", foram abordadas novamente por Mateus Mastella.

Júlia Grassi aprofundou sua resposta destacando que experimentou todas as funções para colocar o programa no ar, deixando a atividade profissional no local de trabalho mais rica, aplicando os conhecimentos adquiridos, além de momentos com colegas e professores, solucionando questões de problemas em grupo. A resposta leva a crer que os aprendizados nunca foram esquecidos.

O roteiro apresenta informações para quem vai fazer a locução ou apresentação do programa e para os sonoplastas, operadores de gravação e de áudio. Para diferenciar uma da outra, convencionou-se usar maiúsculas sublinhadas para os dados destinados à técnica, enquanto o texto segue às normas da redação radiofônica, embora adaptadas a algumas situações particulares (FERRARETTO, 2001, p.289)

A forma com que Emili Amaral se refere a professora das disciplinas de Radiojornalismo I e II e orientadora do projeto que é o programa Salada Mista, Karina (Kaki) Farias é carinhosa e ressalta a promoção de uma atividade educativa por meio da produção de um programa pelos acadêmicos de ensino superior, aliando educação e comunicação (radiojornalismo).

5. Considerações Finais

Este estudo abordou sobre o rádio como ferramenta educativa no Programa 'Salada Mista', da Webrádio Satc. O artigo tinha como problema: de que forma as aulas teórico-práticas para construção do Programa Salada Mista

contribuem na formação de futuros jornalistas? O objetivo geral foi observar e reforçar a importância das aulas teórico-práticas na produção do programa de variedades, na formação acadêmica dos estudantes, além de sua contribuição para a carreira de futuros profissionais de jornalismo. A pesquisa tinha como objetivos específicos analisar a relação entre radiojornalismo e educação; entender as práticas aplicadas no radiolaboratório da instituição de ensino superior, com o programa transmitido pela webrádio; compreender de que forma esses fundamentos e técnicas da área aplicadas na disciplina de Radiojornalismo II do curso, impactam na formação do acadêmico.

Como resultados alcançados, identificou-se a partir das respostas obtidas dos entrevistados, que a prática com a produção do programa Salada Mista foi importante na vida profissional dos jornalistas. Quem faz o programa acontecer são os acadêmicos. Karina Farias 'Kaki', como é conhecida, transmite as vivências, pontuando erros e acertos cometidos em emissoras de rádio durante as aulas das disciplinas. Isso faz a diferença quando os próprios se encontram como profissionais do rádio.

Os dados coletados permitem responder a pergunta problema. A prática com a produção do programa Salada Mista reforça a importância do trabalho em equipe dentro de uma emissora de rádio, um dos fatores essenciais na rotina e vida destes profissionais de comunicação.

Da forma de que não é apenas um programa, mas também uma ferramenta educativa que faz a diferença para o futuro jornalista na sala de aula, pois também te permite errar, trabalhar sob pressão, com pessoas que pensam diferente e "se virar nos 30", caso algo queira dar errado.

No programa Salada Mista não existem estrelas, todos são iguais em prol de aprender na prática. Frio na barriga, ansiedade e nervosismo antes de entrar ao vivo é de praxe, como se vê nas respostas das questões na parte da análise. As "brigas", uma forma de conviver com outras opiniões.

O programa sim, contribui para que o jornalista desempenhe da melhor forma qualquer papel dentro de um programa de rádio, independente do tema tratado pela emissora que já esteve ou está. São conhecimentos que não se perdem jamais.

Este trabalho mostrou-se útil ao acadêmico, de forma a valorizar o estudante que ainda está na graduação e o profissional já formado que tenha tido a experiência de participar do Salada Mista.

Aponta-se como sugestão de novas pesquisas sobre o tema um estudo do programa Jornalismo em Pauta, também da Webrádio Satc. De que forma ela auxilia no desempenho dos acadêmicos para assuntos específicos, assim como o objeto deste artigo.

6. Referências Bibliográficas

BÚRIGO, Lize; FARIAS, Karina Woehl de. **O programa Salada Mista e o caráter educativo da Webrádio Satc**. Anais do 14º Seminário Internacional de Comunicação (Seicom), 2017, Rio Grande do Sul.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CONSANI, M. **Como usar o Rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Gilberto; NOLETO, Pedro. **Chamada à Ação: Manual do radialista que cobre educação**. Projeto Nordeste/Unicef. Brasília, 1997.

DE ALMEIDA, João Brito; KLÖCKNER, Luciano. **O ensino do Radiojornalismo na universidade: o caso RadioFam**. 2007.

DEUS, Sandra. **Rádios Universitárias: compromisso com a sociedade e com a informação**. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/129315>> . Acessado em 30 de novembro de 2021

DE LIMA, Taíse Cristina Heberle; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Projeto rádio na escola: uma prática educacional**. Revista conhecimento online, v. 1, p. 86-103, 2011.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Disponível por aplicativo de smartphone em 31.mai.2021.

FERREIRA, Ana Carolina Santos; DE FREITAS, Goretti Maria Sampaio. **O rádio na plataforma digital: A Webrádio da Universidade Estadual da Paraíba e sua contribuição social e acadêmica**, 2018. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0314-1.pdf>> . Acessado em 1º de dezembro de 2021.

FERREIRA E SILVA, Luiz Gustavo. **Repórter Esso. O radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história**. Rio de Janeiro, 2006.

GALVÃO JÚNIOR, Lourival da Cruz. **Procedimentos e métodos para o ensino do radiojornalismo: contribuições de Gisela Swetlana Ortriwano à formação acadêmica**. REGIT, v. 15, n. 1, p. 128-141, 2021.

GALVÃO JÚNIOR, L. da C; MALULY, L. V. B. **Cantores bons de bico: divulgação científica radiofônica aderente às políticas públicas, à sociedade e às artes**. Anais do 1º Congresso de Ensino em Comunicações, Informação e Artes, 2019, São Paulo.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. Milton Jung - São Paulo: Contexto, 2004. - (Coleção Comunicação)

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação** - 1.ed. Rio de Janeiro, 2016.

KLOCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre, RS: AGE: EDIPUC, 2008.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. 1991.

MIINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª Ed. Rio de Janeiro. Hucitec, 2000.

NEGROMONTE, Marcelo. **Na sintonia das Webrádios**. Disponível em <<https://super.abril.com.br/tecnologia/na-sintonia-das-webrádios/>> . Acessado em 1º de dezembro de 2021

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias** / Rachel Severo Alves Neuberger. – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **Radiojornal Laboratório como Ferramenta de Valorização da Cultura por meio da Memória Oral: a Experiência do Programa Vozes do Recôncavo na Formação Cidadã de Estudantes de Jornalismo**. Editora UFRB, 2012.

PACHECO, Alex. **A estrutura da webrádio**. Biblioteca Online de Ciências da

Comunicação, 2010.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. - São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. Editora Panda, 2000.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Editora Insular, 2008.

PRATA, Nair. **Panorama da webradio no Brasil**. Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

RECKZIEGEL, Anajara. **O uso pedagógico da webradio na escola, 2015**.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Negócio, 1997. p. 8.

SILVA, C. M. R. da. **O modelo didático do gênero comentário jornalístico radiofônico: uma necessária etapa para a intervenção didática**. Dissertação (Mestrado). 2009. PUC-SP, São Paulo.

SILVA, Hariane Jackeline Rodrigues; BANDEIRA, Denize Daudt. **Edgard Roquette-Pinto, o homem à frente do seu tempo**. Intercom.

VASCONCELOS, E. J. C. de. (2013). **A Construção da Notícia na Voz do Brasil: do estatal ao público**. *Revista Alterjor*, 8(2), 42-62. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88296>